

SUBCULTURA, JUVENTUDE E AUTOLESÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO SOCIOLÓGICA ACERCA DO COMPORTAMENTO AUTODESTRUTIVO

AVANÇO DE INVESTIGAÇÃO EM CURSO

GT 26: SOCIOLOGIA DO CORPO E AS EMOÇÕES

JOÃO PAULO BRAGA CAVALCANTE, UFC
PEREGRINA DE FÁTIMA CAPELO CAVALCANTE, UFC

RESUMO

Poucos estudos em Ciências Sociais têm dado atenção ao fenômeno da automutilação, que tem atingido adolescentes e jovens de vários países, havendo certo volume de pesquisas médicas e psicológicas. O objetivo aqui foi tratá-lo dentro de uma perspectiva sociológica. Considerando-o como uma dentre outras manifestações de comportamento autodestrutivo, partimos de análise empírica sistemática, pondo em um contexto interacional o que parecia ser somente um drama psicológico. Embora a automutilação não seja exclusiva aos jovens *undergrounds*, este foi o contexto escolhido para esta investigação, de modo que pudemos também explorar aspectos das subculturas que vão além de questões como estilo e individualidade. Concluímos que por trás da busca por autenticidade podem estar oculto problemas de privação emocional.

Palavras-chave: automutilação; comportamento autodestrutivo; subcultura

RESUMEN

SUBCULTURA, JUVENTUD Y AUTOLESIÓN: UNA CONTRIBUCIÓN SOCIOLÓGICA ACERCA DEL COMPORTAMIENTO AUTODESTRUCTIVO

Pocos estudios en Ciencias Sociales han dado atención al fenómeno de la automutilación que ha afectado adolescentes y jóvenes de varios países puesto que hay un cierto volumen de investigaciones médicas y psicológicas. El objetivo aquí fue tratarlo dentro de una perspectiva sociológica. Dado de entre otras manifestaciones de comportamiento autodestructivo, empezamos por un análisis empírico sistemático, poniendo en un contexto interacional lo que solo parecía ser un drama psicológico. Aunque la automutilación no sea exclusiva a los jóvenes *undergrounds*, este fue el contexto elegido para esta investigación de forma que pudimos explorar aspectos de las subculturas que van más allá de cuestiones como estilo e individualidad. Concluimos que por detrás de la búsqueda por autenticidad puedan estar ocultos problemas de privación emocional.

Palabras-clave: automutilación; comportamiento autodestructivo; subcultura

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga o comportamento autodestrutivo presente entre subculturas urbanas. Dentre as mais conhecidas atualmente, podemos citar a subcultura emo, a gótica, os otakus, os *scene kids* e os *From Uk*. Destas, as mais antigas são a gótica e a emo, cujo cenário surgiu na década de 1980

(Hodkinson, 2002; Kelley, Simon, 2007). Mas todas, em última instância, são derivadas do punk rock, originalmente *underground*.

Sob forte influência das redes sociais on-line, estas modas jovens têm migrado da cena regional de onde tiveram origem e se espalharam pelo mundo na velocidade da Internet, mesmo fora do Ocidente. Mas não propriamente como uma consequência direta da tecnologia de comunicação. A este respeito, concordamos com Levina (2012), quando em seu artigo on-line sobre o assassinato de emos no Iraque observa o seguinte:

Os ataques contra os jovens no mundo muçulmano por causa de seu gosto musical não é novo nem exclusivo para a região. Chamadas de formas "extremas" de heavy metal, hip-hop, punk e música de hardcore têm sido muito popular, não apenas no Ocidente, mas globalmente - precisamente porque a raiva, o desespero e a intensidade da música reflete o tumulto de emoções e incertezas de identidades que define a adolescência e início da vida adulta em cada cultura. (Tradução livre, dos autores)¹.

Muitos adolescentes, ao passo que compartilham ou vivenciam as incertezas e conflitos emocionais desta fase, aderem a um estilo de vida, ou o mescla com outros para compor algo que julgam próprio. Sejam altamente engajados (*undergrounds*) ou moderados (alternativos), os adolescentes possuem afinidade entre um ou outro estilo, sobretudo frequentando os espaços de sociabilidade que chamamos de cenários anticonvencionais.

Ocorre que nos últimos anos, em meio a estes cenários, algo tem chamado mais atenção do que os estilos ousados de cabelo, tatuagens, *piercings*, correntes, roupas pretas e outras excentricidades. O fato é que, de acordo com alguns estudos específicos, o comportamento autodestrutivo vem sendo bastante observado entre adolescentes e jovens que aderem ou simpatizam com subculturas *undergrounds*, tais como emo ou gótica (Zdanow, Wright, 2013; Phillipov, 2009; Young, Sweeting, West, 2006; Definis-Gojanović, Gugić, Sutlović, 2009). Em algumas delas se pode constatar a manifestação de autolesões, sutis ou extremadas, que podem variar do abuso de álcool ou de drogas ilícitas até à automutilação ou *cutting* – ato de fazer cortes no próprio corpo – um fenômeno complexo e em certos casos chocante. Apesar do contexto social de maior liberdade e de individualidade, os adolescentes de certas modas jovens contemporâneas parecem não ter reduzido os sinais de insatisfação e de revolta, embora careçam de conteúdo político ou de causas sociais aparentes. Isso torna o estado de insatisfação por vezes difuso, obscurecido e, portanto, de difícil compreensão, mesmo porque todos esses adolescentes estão imersos nas tecnologias digitais como nenhuma outra geração esteve, em outras palavras, é uma geração conectada. Por trás do desejo de um estilo próprio estaria oculto problemas de privação emocional, traduzidos em conflitos existenciais, resultando em condutas de risco, compulsões, depressões, *cutting* e até mesmo em suicídio, o que constitui, em seu bojo, aquilo que nos referimos como sendo autodestrutividade.

Tendo este sido o foco de nossa análise, o campo empírico é a cidade de Fortaleza, que, como qualquer outra grande metrópole, possui sua diversidade de subculturas jovens. Estas, ao mesclarem elementos do pop, tornam-se modas jovens imersas no *mainstream*, despojadas de conteúdo político comum às gerações de algumas décadas atrás (Muggleton, 2000). Altamente conectadas aos processos de comunicação digital, parece evidente a força da cultura de consumo entre um segmento da juventude

¹ No original: "Attacks on young people in the Muslim world because of their taste in music is neither new nor unique to the region. So-called "extreme" forms of heavy metal, hip-hop, punk and hardcore music have long been popular, not merely in the West but globally - precisely because the anger, despair and intensity of the music reflects the tumult of emotions and uncertain identities that define adolescence and young adulthood in every culture". Fonte: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/03/201231911938716976.html>, recuperado em 15 de janeiro de 2013.

que se pretende alternativa ou *underground*. No entanto, tal conexão e seus efeitos no comportamento e na cultura das modas jovens podem parecer um tanto difusos ou assumir um tom especulativo, caso careça de estudo empírico.

Neste sentido, a partir de dados coletados junto “a galera *under*”, como costumam se referir a eles próprios – procuramos mostrar que um alto grau de conectividade com modas e mídias eletrônicas, uma das características mais marcantes das subculturas urbanas de hoje, não necessariamente conduz o indivíduo a estados maiores de felicidade e de segurança pessoal e afetiva.

Afastando-se de questões acerca da autenticidade ou não de uma dada subcultura, o foco da análise gira em torno da privação emocional e da compulsividade em meio às estratégias de identidade de adolescentes que vivenciam um contexto *underground*. A intenção, porém, não é reduzir o fenômeno das modas jovens urbanas à autodestrutividade. Mas, dado o preocupante crescimento deste fenômeno entre adolescentes e jovens, não apenas entre os *undergrounds*, muitas perspectivas de análise têm se concentrado em compreendê-lo (Ross, Heath, 2002; Cleaver, 2007; Whitlock, 2009; Christenson, Bolt, 2011; Muehlenkamp, Claes, Havertape, Plener, 2012). Por isso mesmo, a Sociologia tem um papel importante neste processo, especialmente no caso da automutilação, sobretudo porque as análises desenvolvidas tem se concentrado mais na perspectiva médica (Chandler, 2012, p. 444).

Por sua vez, de início importa saber que autodestrutividade é uma categoria mais abrangente que automutilação, pois engloba o suicídio, o uso perigoso ou abusivo de álcool e drogas ilícitas, bulimias, anorexias, uso de remédios para autoenvenamento (*self-poisoning*), overdose, bem como a própria automutilação (*cutting*), usado aqui como sinônimo de autolesão (*self-injury*). Uma das formas de comportamento autodestrutivo, a automutilação parece ser um fenômeno mais recente. Também possui escassez de análises realizadas em contexto de interação social, como apontam Adler & Adler (2007):

A literatura existente sobre a auto-lesão em grande parte vem de uma perspectiva psiquiátrica ou médica e muitas vezes seu foco é voltado para orientação de tratamento; existem poucos estudos sistemáticos ou rigorosos de autolesão em uma perspectiva sociológica. Uma vez que a maioria desses estudos foram realizados em indivíduos com um histórico de tratamento psiquiátrico, pouco se sabe empiricamente sobre a autolesão entre pessoas que não são pacientes clínicos (p. 538). (Tradução livre, dos autores)².

Por este motivo, o comportamento autodestrutivo do corte (*cutting*) aqui foi investigado como fenômeno recorrente em certas tribos urbanas, sendo resultado de descobertas do campo. Neste sentido, este estudo contribui para preencher uma lacuna nesta área, que, diferentemente do fenômeno do suicídio, ainda tem poucos trabalhos oriundos das ciências sociais. Constitui uma seção de uma pesquisa de doutorado, onde se selecionou alguns aspectos fundamentais resultantes de trabalho de acompanhamento, registro e conversação com jovens inseridos em subculturas ou modas urbanas.

2. PERSPECTIVA DE ANÁLISE E APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo deste trabalho é analisar e discutir outros fatores envolvidos na autolesão, sobretudo quando se manifesta na forma de automutilação, que parece estar crescendo fora do ambiente clínico, onde geralmente é analisado a partir de casos individuais ou como distúrbios psicológicos

² No original: “The extant literature on self-injury largely comes from a psychiatric or medical perspective and is often treatment oriented in its focus; there are few systematic or rigorous studies of self-injury from a sociological perspective. Since the majority of these studies have been conducted on individuals with a history of psychiatric treatment, little is known empirically about self-injury among people who are not clinical inpatients” (p. 538).

(Whitlock, 2009). Ainda em relação ao objetivo, quando nos voltamos para o subuniverso autodestrutivo de algumas tendências de subculturas, temos em mente outro aspecto fundamental: a necessidade de analisar as subculturas não tanto pelo viés da moda, do estilo, da autenticidade e da liberdade que costumam exprimir. Mas explorar o outro lado da fronteira da liberdade e da autônima da ação subjacente a modas comportamentais das sociedades de consumo. Ao falarmos em subculturas, estamos nos referindo a um mundo particular de relações e de interações sociais num processo bastante dinâmico, por não estar isolado de outros agentes e instituições.

Nossa abordagem, portanto, agrega consideravelmente uma perspectiva sociológica interacionista. Isso tem repercussões importantes para a ampliação do conhecimento do fenômeno em questão, colaborando para vislumbrar outros fatores envolvidos no comportamento autodestrutivo que não apenas os de caráter patológico ou clínico.

Assim, parte importante desta estratégia – não muito diferente das etnografias urbanas – incorpora a perspectiva de análise lançada pela sociologia do desvio de Howard Becker, trabalho ainda instigante apesar de publicado no início da década de 1960. Para ele,

ao se considerar o desvio uma forma de atividade coletiva, a ser investigada, em todas as suas facetas, como qualquer outra atividade coletiva, vemos que o objeto de nosso estudo não é um ato isolado cuja origem devemos descobrir. Em vez disso, o ato que alegadamente ocorreu, quando ocorreu, tem lugar numa rede complexa de atos envolvendo outros, e assume parte dessa complexidade por causa da maneira como diferentes pessoas e grupos o definem (Becker, 2008, p. 189).

Em uma linha interacionista, sua clássica obra tem sido inspiração metodológica, particularmente suas conversas informais em meio à dinâmica da vida social dos “*jazzman fumetas*” (músicos de casa noturna usuários da maconha). Diante da tarefa de levantamento de dados, era absolutamente necessário um elevado grau de informalidade e empatia para se comunicar com sujeitos que mantinham modos de vida desviantes. Foi um aspecto tão crucial quanto a sistematização e categorização dos dados, pois houve um ganho na abertura e acesso para ingressar em diversos tipos e maneiras de conversações, observando como sujeitos empreendem ações que mantêm cenários de interação particularmente interessantes para os mesmos. Basicamente, neste trabalho, a noção de interação é apropriada a partir do conceito de Goffman (2011):

é a classe de eventos que ocorre durante a copresença e por causa da copresença. Os materiais comportamentais definitivos são as olhadelas, gestos, posicionamentos e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não. Eles são os sinais externos de orientação e envolvimento – estados mentais e corporais que não costumam ser examinados em relação à sua organização social (p. 9).

Feito esta consideração, conceitos como condutas de risco, *encontros* e reuniões informais, bem como escolhas de desvio visam sistematizar os aspectos complexos envolvidos no comportamento e nas práticas de sociabilidade *underground*. É necessário abordar sentimentos que o próprio sujeito tem dificuldades para lidar. Trabalhamos com aspectos da atividade social que o adolescente também procura ocultar, como é o caso dos cortes e, em menor grau, do uso de drogas, embora não o do abuso de álcool e de cigarros. As tensões a que estas práticas tentam aliviar e dissipar – práticas que acabam integrando o senso do estilo de vida – diante da ameaça de instauração de um quadro de ansiedade, são encaradas de modo interligado a contextos sociais, decisivos para as escolhas, atividades e

envolvimentos dos sujeitos com o mundo exterior e com sua autoidentidade. Imediatamente, acrescentamos que o sujeito é considerado um agente criativo, capaz de deslocar-se e de reagir diante das condições materiais, interpessoais e culturais que o cerca. Isso pode variar positiva ou negativamente, em uma escala gradativa bastante ampla, em que pode ou não prevalecer “rotinas autodestrutivas”.

Mantendo-nos nesta perspectiva analítica, vemos que o jovem ou adolescente não é visto tragicamente como um indivíduo frágil pelo fato de aderir a uma subcultura (influenciável) ou por adotar práticas autodestrutivas, como a compulsividade por álcool ou mesmo por automutilação. Ser diferente pode exigir coragem e enfrentamento, inclusive para evitar ou substituir a possibilidade de tentar suicídio pelo uso do corte como um mecanismo de aliviar estresse e ansiedade. Neste sentido, parece-nos plausível a seguinte colocação de Giddens (2002):

um envolvimento criativo com os outros e com o mundo-objeto é quase certamente um componente fundamental da satisfação psicológica e da descoberta de um “sentido moral”. Não precisamos recorrer a uma antropologia misteriosa para vermos que a experiência da criatividade *como* fenômeno rotineiro é um apoio básico do sentido de dignidade pessoal e portanto de saúde psicológica. Onde os indivíduos não podem viver criativamente, seja por causa da repetição compulsiva das rotinas, seja porque foram incapazes de atribuir plena “solidez” a pessoas e objetos à sua volta, provavelmente resultarão tendências melancólicas ou esquizofrênicas crônicas (p. 44).

As conversas e depoimentos aqui citados representam a síntese de diversos outros tipos de materiais colhidos em ambientes de interação de adolescentes que se consideram *undergrounds* ou simpatizam com estes grupos, o que levou mais ou menos dois anos (2011 e 2012). A imensa maioria deles era composta por menores de 18 anos, da periferia de Fortaleza, deslocando-se todos os fins de semana para os locais considerados *points*, nas áreas mais valorizadas da Cidade. Suas atividades variam entre namoro homossexual, beijos em grupo de três ou mais pessoas, abuso de álcool e de drogas ilícitas, vestimentas extravagantes, cigarros etc.

A discussão a seguir reúne elementos que acopla a autolesão a contextos práticos de experiências de vida.

3. AMBIVALÊNCIA E CRISE DO *SELF* NO CENÁRIO JOVEM *UNDERGROUND*

Uma das grandes batalhas travadas na contemporaneidade é a batalha do indivíduo com seu próprio eu, sua autoimagem e sua autoestima. Colocando o *self* na ordem social moderna, para Giddens:

a falta de sentido pessoal – a sensação de que a vida não tem nada a oferecer – torna-se um problema psíquico fundamental na modernidade tardia. Devemos entender esse fenômeno em termos de uma repressão de questões morais que a vida cotidiana coloca, mas às quais nega respostas. “Isolamento existencial” não é tanto uma separação do indivíduo dos outros, mas uma separação dos recursos morais necessários para viver uma existência plena e satisfatória (2002, p. 16).

É crucial o fato de aflições, medo, angústia, sensação de perda ou de impotência torne-se aspectos da vida moderna contemporânea, particularmente crítico para os indivíduos mais jovens que

enfrentam dificuldades afetivas.

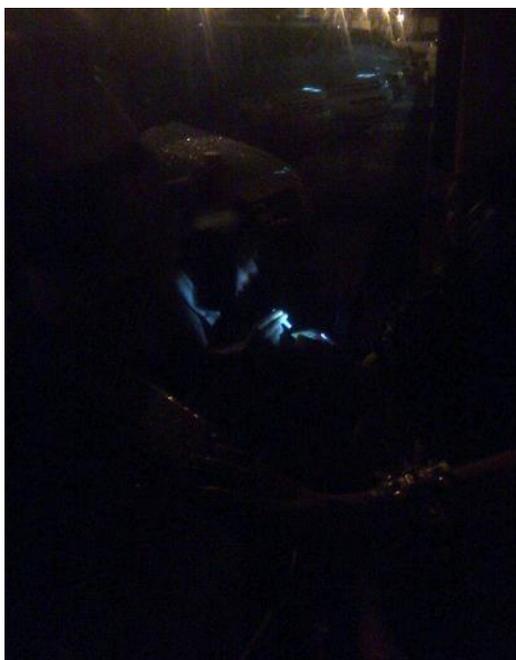
Muitos dos jovens no contexto onde temos trabalhado encontram-se um tanto sozinhos diante das exigências de agir em conformidade com expectativas sociais muitas das quais eles não aderem, pois os recursos materiais e emocionais de que dispõem podem não ser suficientes; de diversas formas eles podem sucumbir diante das pressões sociais. O ato de se cortar, talvez por isso, segundo muitos estudos, incida mais entre os jovens (Alfonso, 2007, p. 15).

Todos os indivíduos jovens logo cedo precisam aprender a agir em conformidade com as normas e expectativas que garantem um grau de enquadramento diante da oferta de modos de vida mais aceitos ou recompensados por sua sociedade.

As condições, ou o meio, para o desenvolvimento de relações afetivas satisfatórias, para um senso forte e positivo de si mesmo, quando precarizadas, oferecem ainda mais dificuldades para a fase já complicada que é a adolescência, pois aí a busca por uma identidade e afinidade a um grupo é uma atividade crônica (Erikson, 1976). Pensamos, então, no caráter relacional e contextual das escolhas de desvio, e não tanto em algo inerente a um tipo de indivíduo ou a uma “tribo” urbana.

Grande parte dos jovens que encontramos nos pontos de encontro alternativos são personagens de uma aventura perigosa da vida social moderna, marcada por conflitos familiares, negligência afetiva, intolerância, abandono ou não-aceitação por parte de pais ou daqueles que ocupam esta função. Este ambiente interpessoal pode favorecer um quadro em que o substrato da construção de uma identidade é as modas urbanas e a solidariedade, por vezes problemática, dos grupos que as caracterizam. Dizemos solidariedade problemática quando há uma espécie de descrença ou suspeita por parte do indivíduo em relação ao seu próprio ambiente interativo: “[O que você chama de lugares podres?] Se te drogam, se te embebedam, se ainda te injustiça e são falsos, é só matar a "saudade" que nem eles dizem. Isso é lá querer ver o bem de alguém! Lugares podres me refiro a esse tipo de gente”. Este nível de percepção, no entanto, não é comum a todos os sujeitos da pesquisa, já que muitos não medem esforços para ingressar mais e mais nas práticas que estes lugares oferecem, enquanto outros procuram a moderação de suas escolhas e ações (ver Figura 1).

Figura 1. Adolescentes *undergrounds* sob a luz de um celular.



Pequena reunião informal *underground* fazendo uso de drogas (cocaína), em um ponto um pouco mais reservado. Fonte: Próprio autor. Próximo ao extinto Fafi Bar, Fortaleza, em 15/04/2012.

No lar os adolescentes podem ter um ambiente em condição deficitária de afetividade. Pode se alimentar da pobreza amorosa e de contato físico, mesmo que seja apenas uma fase difícil da relação (“cara... faz muito tempo que minha mãe não me abraça oh, JP, num tem mais isso não... acho que era mais quando eu tinha até uns 10 anos”). As fontes de apoio se tornam justamente aquilo que pode oferecer risco de outra ordem: os grupos subculturais. Os ambientes *undergrounds* exercem uma força de sedução que, para muitos, chega a ser irresistível (“o sábado pra mim é o melhor dia, não agüento ficar em casa”). Mesmo que tal imersão ofereça riscos e danos, são fontes de prazer e de usufruto da liberdade. Algumas relações afetivas são abaladas quando situações de extremo conflito, mesmo sem agressão física, tornam-se um imperativo, construído em torno da perseguição e da intolerância entre duas pessoas interdependentes (mãe e filho, por exemplo), como neste caso de um jovem *underground* que se corta (20 anos):

Minha mãe já tentou me matar [Por que?] Por que eu sou gay. Você sabe o que é ter medo de ir pra casa? Você sabe?! [Por que você tem medo de ir pra casa?] Por que minha mãe me agride! [Neste momento, um garoto também “emo” pergunta por que ele ainda não saiu de casa] Por que eu não consigo sair de perto da minha mãe, eu amo tanto ela que não consigo me afastar dela. Mora ela, eu e meu irmão. [Por que ela te agride?] Por muitos, muitos fatores... homossexualidade... Ela não tem nenhum problema mental, ela bebe raramente. Quando assumi que era homossexual [aos 15 anos], meu pai parou de falar comigo.

Há casos em que a pobreza afetiva não vem tanto da indiferença, abandono ou agressão física ou psicológica. O agente desviante reconhece que sua relação de excessiva liberalidade com seus pais ou figura similar guarda uma falta de autenticidade. Um jovem homossexual, que se veste muito parecido com o emo, mas se autoafirma otaku³, faz o seguinte comentário:

[Sua mãe não reclama do seu estilo, por exemplo, dessa sua franja longa sobre seus olhos?] Não. É ela que quer que eu corte assim, ela gosta disso, sempre apoiou que eu fosse bem estiloso. Minha mãe é bem liberal. Certo dia ela chegou pra mim e confessou que era gay, que sentia atração por mulheres (...). Ela se aproximou de mim, mas sei muito bem que é apenas por interesse, para pedir dinheiro [ele tem um emprego].

Ou seja, uma relação social construtiva entre o polo dependente e a figura protetora, não se sustenta sem um senso básico de afeto, fundamental para as relações com outros atores em outros contextos mais amplos. É necessário que exista uma percepção mútua da veracidade daquela relação e do que ela representa. A esse respeito, Giddens (2002) afirma:

³ Subcultura urbana de viciados em animes e mangás, desenhos animados e quadrinhos japoneses respectivamente. Nasceu no Japão na década de 1980 e hoje é um estilo de vida globalizado. Ver Cavalcante (2008).

A confiança que a criança, em circunstâncias normais, investe nos que cuidam dela – argumento – pode ser vista como uma espécie de inoculação emocional contra ansiedades existenciais – uma proteção contra ameaças e perigos futuros que permite que o indivíduo mantenha a esperança e a coragem diante de quaisquer circunstâncias debilitantes que venha a encontrar mais tarde. A confiança básica é um dispositivo de triagem em relação a riscos e perigos que cercam a ação e a interação. É o principal suporte emocional de uma carapaça defensiva ou casulo protetor que todos os indivíduos normais carregam como meio de prosseguir com os assuntos cotidianos (p. 43).

Se estes argumentos estiverem certos, é possível sustentar que no cenário de encontros *undergrounds*, além de liberdade, modas e estilos, temos núcleos críticos de conflito com o eu e as difíceis estratégias de construção de identidade; ambientes de risco e de controle da ansiedade no seio da juventude, onde se presencia certo envolvimento e socialização em torno de práticas abusivas deliberadas (bebidas, cigarros e drogas...)

Um garoto de 15 anos, homossexual, de visual *underground*, desses facilmente tachados como emo, fumante há dois anos, revela fatos íntimos de sua vida. Fala dos problemas de relacionamento após os pais descobrirem sua preferência por garotos e que estava fumando. Ao ser questionado sobre as razões que o levaram a se cortar, confessa que é por causa dos desentendimentos no lar:

É. Para aliviar as tensões, as raivas... Meio que eu já fazia isso desde os meus doze anos. Sempre foi me aliviar com... Só que eu não me cortava assim, eu... Eu cortava meu cabelo, eu me rasgava assim com as unhas... Nunca quebrei minhas coisas, mas eu sempre descontava em mim. Ai tal dia eu vi uma tesoura e eu enfiei no meu braço, e puxei a ponta. Ai eu achei prazeroso e comecei a me cortar.

Só que tem horas que dá vontade de parar. Ai depois você se arrepende, e depois se arrepende mais ainda... faz mais depois. É porque é meio que um ciclo vicioso. É pior do que uma droga você se cortar. Você se corta uma vez ai se alivia, passa a raiva... É uma dor superficial. Pra mim é como se meu braço vai sarar, como que as minhas dores, as minhas raivas também vão passar, com o tempo.

Nestes cenários, não é nada incomum encontrar indivíduos, ainda que muito jovens, que possuam um “portfólio” de experiências autodestrutivas, embora, evidentemente, nem todos assim o fazem na mesma proporção de intensidade, de autocontrole e de frequência.

[Quando você bebe, você bebe muito? Você não pede só uma ou duas?] Tu é doido! Eu bebo demais... Pior que eu não era assim. Caralho, eu ficava bêbada assim oh [facilmente] Acho que era iniciante né, praticamente? Nunca bebia! Bebia uma aqui, outra lá... Hoje em dia, tu é doido! É difícil eu ficar bêbada, cara! Tu é doido! Não tem mais como eu ficar bêbada... Não tenho por que... eu não consigo, eu não consigo mais... Eu acho que quem fica bêbado bem rápido não tem... não tem prática. [E esses cortes ai, você faz isso quando está com raiva é? Em que situação?] Quando eu brigo com a minha mãe. Muita raiva. Tu é doido! Eu faço com gosto! No outro dia é que eu vou sentir a dor. No outro dia dói pra caralho! Sangrava muito. Eu não era assim.

Mesmo que alguém se drogue e também se corte, os comportamentos autodestrutivos não estão vinculados entre si de forma causal. A maior parte dos *undergrounds* parece detestar a ideia de que alguém possa usar uma lâmina para se ferir, embora, por outro lado, muitos façam uso deliberado do álcool tendo como fim embriaguez em alto grau, também uma forma de autolesão. As rodas de bebidas são uma constante nos pontos de encontro, constituem um fim em si mesmo, como que um pequeno ritual de interação, por que não dizer, de autolesão, no sentido mais amplo do termo.

O fato de não se importarem com as consequências de suas ações não significa que tenham anomalia de caráter. São capazes de, discursivamente, vincular a autodestrutividade ao ambiente externo:

[O garoto pergunta a outro o porquê de ele se cortar] Tem que ter um motivo para você se cortar! Geralmente é família, é família... [Neste momento ele acende um cigarro e prossegue na fala] Tipo: eu já comprei seis bombons e em três eu injetei veneno. Tipo assim, “vamos ver se eu vou morrer ou sobreviver [Que tipo de veneno?] Chumbinho um bocado de coisa, sabe?!. Ai tentei a sorte. Desses seis, comi dois e não morri, não aconteceu nada... Sei lá! Você não é compreendido! Você mora numa casa, e você não tem atenção, você não tem carinho, você não tem amor. Você não conversa com ninguém, é só você! Se não fosse a Internet, era muito foda!

O ato de se cortar é um comportamento desviante não apenas quando é encarado como demência, fraqueza ou incapacidade para regular as emoções. É desviante também quando é encarado como um ato superficial, um tipo cínico ou infantil de atitude. Neste caso, quem o faz necessariamente não carece de autocontrole, mas age cinicamente para chamar para si a atenção dos outros. Um jovem que se corta pode encarar outros *cutters* a partir da autopercepção que tem sobre seu próprio ato, que é íntimo e tem consequências sérias:

Modinha! Pensam que é bom! Eles se cortam na frente de todos na praça [a Praça Portugal]. Não tenho coragem não! [Quem se corta na frente de todo mundo é mais para chamar atenção?] Como é que a pessoa se corta na frente de todo mundo?! É uma coisa muito pessoal, lógico! [E você já se cortou muito profundo?] Já, eu já ponteei meu braço. Três pontos no hospital. A vizinha lá de casa me levou. [Você já tentou suicídio? Uma vez?] Nã! Um monte de vez! Já tentei me enforcar, já tomei água oxigenada, já tomei querosene, já tomei 56 comprimidos... um monte de vezes.

Os *cutters* quando tem sucesso em esconder seu comportamento desviante, fazem com que os não-*cutters* acreditem que eles encaram estresse e frustração de maneira normativa (Adler & Adler, 2007; Hodgson, 2004). O fato é que, no contexto das reuniões *undergrounds*, a autolesão perde boa parte de seu aspecto “vergonhoso”, sendo encenada em público e, quando não uma brincadeira – o indivíduo já tem vários históricos de cortes – é uma estranha conexão de rebeldia. Nos lugares dessas reuniões, contexto onde o abuso de substâncias é mais ou menos generalizado, a automutilação pode sair do anonimato, momento quando não se distingue das outras formas de autolesão, pois perde o ocultamento característico (Figura 2).

Figura 2. Jovem se autolesionando.



Garoto gay viciado em cutting sendo cortado com caco de vidro com a ajuda de seu namorado. Fonte: Próprio autor, próximo ao Bar Maria Bonita, Fortaleza, em 03/06/2012.

Uma das funções do corte é restabelecer o conforto psicológico, fazendo com que as pessoas acreditem que o indivíduo está satisfeito com a vida, sem que esteja usando algum tipo de recurso de modo compulsivo.

Apesar de o ocorrido na imagem ter sido em cenário *underground*, a automutilação não é ensinada neste ambiente. Grande parte simplesmente aprende de forma acidental (ou veem na Internet), em que, num momento de crise, aquela dor trouxe prazer, ao desviar a dor emocional para algo visível e controlável (estancar o sangue, por exemplo).

No início era um pouco estranho, comecei ter esses tipos de vontades, mas sempre tive consciência de que aquilo não era algo certo, era mais por desespero. Eu me sentia tão inferior a tudo. Tudo me feria, tudo me atingia, era minúsculo a minha estima, meu ego em queda e cada vez mais caindo, era como se eu estivesse caindo em um poço e tentando se agarrar nas estruturas. Tinha medo, aquilo era viciante.

Estes incidentes momentâneos em torno dos quais os jovens aprendem e entram no mundo dos cortes é um fenômeno singular para a análise social. O fato de o indivíduo subtrair sentimentos complexos de angústia e depressão por meio de um ato físico, potencialmente doloroso e por vezes perigoso, leva a crer que há um processo de redução da capacidade de simbolizar, de extrair sentido das situações de adversidade comuns a todo ser humano, e a fase adolescente em especial. O sangue que escorre traz alívio, de modo que os problemas emocionais inerentes à vida não são tratados ou contornados pelo ingresso numa atividade simbólica e interacional, como religião, arte, envolvimento afetivo etc. A dor do sentimento resvala no próprio corpo.

As emoções são fundamentais para que a interação social ocorra (Goffman, 2011). Exatamente por este motivo, quando o desequilíbrio do comportamento é causado por emoções incontroláveis, é preciso algo para restabelecer o autocontrole. Neste meio, o *cutting* se perpetua quando o praticante se convence de que não pode lidar com emoções negativas de outra forma que não seja se cortando.

4. CONCLUSÕES

Formas de se autolesionar são mantidas para aliviar tensões, sutis ou extremas – abuso de cigarro, de drogas ilícitas e bebidas alcoólicas. Ou seja, a conduta autodestrutiva está ligada ao modo ou intenção de como se consome estas substâncias ou se pratica um dano sem a intenção de suicídio. Isso muitas vezes se configura como rotina, e não se sabe ou não é possível prever os resultados a longo prazo, se será extinto passado a adolescência. De um modo geral, enquanto a grande parte se autolesiona por meio de condutas de risco e abuso de substâncias (*self-harm*), uma parcela se corta (*self-injury* ou *cutting*). Neste, o sentido é de que a dor e o sangue fazem com que o indivíduo se atenha ao ferimento e ao sangramento, tendo algo com que se preocupar (curativos, estancar o sangue etc.), “despistando” a ebulição emocional (raiva, tristeza).

Diante disso, podemos compreender que as experiências de rua da população adolescente desviante trazem um quadro preocupante, sobretudo quando há presença de automutilação, indícios de processos afetivos problemáticos. Esta pode ser uma razão provável que leva muitos *cutters* a ser também *undergrounds*, compartilhando das experiências disponíveis neste cenário, onde encontram outros jovens que possuem dificuldades no lar ou de aceitação.

O jovem que se autodestrói abusando de álcool ou se cortando está criando uma condição por meio de uma escolha de desvio, o que deve ser encarado dentro de uma dimensão interacionista. Ou seja, não é natural ou puramente psicológico, mas, como discutimos, desenvolvida num contexto mais amplo de sociabilidade, no qual temos o adolescente que pratica um dano contra si próprio e suas condições de segurança emocional e de expressão de sua autoidentidade. Aquilo que ele transfere através de seu comportamento autodestrutivo, ou mesmo em suas indagações a respeito das razões de seus atos, em termos emocionais é uma construção mútua, com sua história familiar e suas condições de sociabilidade.

5. REFERÊNCIAS

- Adler, P. A. (2011). *The tender cut: Inside the hidden world of self-injury*. New York: NYU Press.
- Adler, P. A., & Adler, P. (2007). The demedicalization of self-injury from psychopathology to sociological deviance. *Journal of Contemporary Ethnography*, 36(5), 537-570.
- Alfonso, M. L. (2007). *The tip of the blade: Self-injury among early adolescents*. ProQuest.
- Becker, H. S. (2009). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Christenson, Jacob D. Bolt, Kirsten. (2011). Self-Injurious Behavior: Who’s Doing It, What’s Behind it, and How to Treat It. *Journal Therapeutic Schools and Programs*. Aspen Achievement Academy, Loa, Utah, 71-87.
- Cleaver, K. (2007). Characteristics and trends of selfharming behaviour in young people. *British journal of nursing*, 16(3), 148-152.
- Definis-Gojanović, M., Gugić, D., & Sutlović, D. (2009). Suicide and Emo Youth Subculture – A Case Analysis. *Collegium antropologicum*, 33(2), 173-175.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Goffman, E. (2011). *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópoles, RJ: Vozes.
- Hebdige, Dick. (2002). *Subculture: the meaning of style*. London: Taylor & Francis e-Library.

- Hodgson, S. (2004). Cutting through the Silence: A Sociological Construction of Self-Injury. *Sociological inquiry*, 74(2), 162-179.
- Hodkinson, P. (2002). *Goth. Identity, style and subculture*. London: Berg Publishers.
- Kelley, T., & Simon, S. (2007). *Everybody hurts: An essential guide to emo culture*. New York: HarperCollins Publishers Inc
- Klonsky, E. D., & Muehlenkamp, J. J. (2007). Self-injury: A research review for the practitioner. *Journal of clinical psychology*, 63(11), 1045-1056.
- Levina, Mark. (2012). Killing emos, and the future, in Iraq. *Al Jazeera*. Recuperado em 15 de janeiro de 2013 de <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/03/201231911938716976.html>.
- McAllister, M. (2003). Multiple meanings of self harm: A critical review. *International Journal of Mental Health Nursing*, 12(3), 177-185.
- Muehlenkamp, J. J., Claes, L., Havertape, L., & Plener, P. L. (2012). International prevalence of adolescent non-suicidal self-injury and deliberate self-harm. *Child and adolescent psychiatry and mental health*, 6(10), 1-9.
- Muggleton, D. (2000). *Inside subculture: The postmodern meaning of style*. London: Berg Publishers.
- Phillipov, M. (2009). “Just Emotional People”? Emo Culture and the Anxieties of Disclosure. *M/C Journal*, 12(5).
- Ross, S., & Heath, N. (2002). A study of the frequency of self-mutilation in a community sample of adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 67-77.
- Sargeant, J. (2007). It’s Hard to Be Emo and Be Respected. *The Australian*, 3(10).
- Strauss, A. L., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- Whitlock, J. (2009). The Cutting Edge: Non-Suicidal Self-Injury in Adolescence. *Research Facts and Findings*. Online verfügbar unter: http://www.actforyouth.net/resources/rf/rf_nssi_1209.pdf, Stand, 3, 2012.
- Young, R., Sweeting, H., & West, P. (2006). Prevalence of deliberate self harm and attempted suicide within contemporary Goth youth subculture: longitudinal cohort study. *bmj*, 332(7549), 1058-1061.
- Zdanow, C., & Wright, B. (2013). The Representation of Self Injury and Suicide on Emo Social Networking Groups. *African Sociological Review/Revue Africaine de Sociologie*, 16(2), 81-101.
- Chandler, A. (2012). Self-injury as embodied emotion work: managing rationality, emotions and bodies. *Sociology*, 46(3), 442-457.
- Cavalcante, J. P. B. (2008). *Conexões entre o mundo on-line ea vida off-line: otakus e cultura de consumo na era da internet*. Tese de mestrado não publicada, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil.